

A cobertura da mídia sobre violência contra as mulheres*

Marisa Sanematsu**

Sou jornalista e editora. No Instituto Patrícia Galvão, edito o Portal Violência Contra a Mulher. Tenho acompanhado o tema da violência contra as mulheres há vários anos, com ênfase na comunicação e em especial na cobertura da imprensa.

Quero começar minha fala lembrando a vocês como era a cobertura da mídia sobre violência contra a mulher há 25 anos atrás. Vou ler alguns trechos de uma reportagem assinada pelo jornalista Carlos Heitor Cony, e que foi recuperada recentemente pela professora Eva Blay. A matéria trata do assassinato de Ângela Diniz pelo companheiro dela, Doca Street:

"Vi o corpo da moça estendido no mármore da delegacia de Cabo Frio. Parecia ao mesmo tempo uma criança e boneca enorme quebrada... Mas desde o momento em que vi o seu cadáver tive imensa pena, não dela, boneca quebrada, mas de seu assassino."

"A chamada privação de sentidos provocada pela paixão pode fazer do mais cordial dos homens um assassino."

"Ela sabia. Sabia, por exemplo, que um dia um de seus amantes seria mais homem do que os outros e lhe daria o castigo – ou a vingança – que ela buscava, inconscientemente, ao longo de sua estranha aventura feita de amor, delírio e vazio."

"O sexo para ela era apenas sexo, sem transcendência interior que o transforma em amor."

Isto é, nas palavras do jornalista Cony, as mulheres devem ser punidas quando fazem sexo sem amor, pois se trata de prerrogativa exclusivamente masculina.

Hoje, o jornalista Carlos Heitor Cony continua a escrever nas páginas dos jornais, mas os tempos são outros e ele, assim como outros, não tem mais coragem para escrever coisas desse tipo. Hoje, o tema da violência contra a mulher é tratado com respeito e a maior parte das pessoas já demonstra uma clara rejeição a esse fenômeno. Isso, pode-se afirmar, em grande parte devido ao trabalho das organizações de mulheres, que no final dos anos 70 se mobilizaram em torno do slogan "Quem ama não mata" e vêm desde essa época denunciando a violência de gênero como uma grave violação dos direitos humanos das mulheres.

Hoje, a mídia, especialmente a imprensa, já pauta o tema como mais seriedade. E, embora uma boa parte das notícias ainda seja publicada nas páginas policiais, já é mais freqüente a adoção de outras abordagens, que apresentam o tema da violência contra a mulher como uma questão de saúde, de direitos e de políticas públicas.

O papel da mídia

Sabemos que a mídia em geral e a imprensa em particular tem um grande poder e desempenha um importante papel em nossa sociedade:

- definir a agenda de debates
- influenciar a opinião pública
- sensibilizar formuladores/as / gestores/as de políticas
- monitorar políticas públicas

A imprensa define os assuntos que as pessoas vão conversar no dia-a-dia. Em outras palavras, a imprensa tem o poder de selecionar e hierarquizar questões, dando a elas maior ou menor peso, definindo o que é importante, urgente e o que deve ser priorizado. E a imprensa não apenas define "sobre o que se fala", mas especialmente "o que se fala", divulgando opiniões e argumentos, influenciando a opinião pública, atraindo a atenção e sensibilizando formuladores e gestores de políticas, servindo de vigia das questões públicas.

Diante de todo esse poder, é importante que a imprensa, ou melhor, que os e as profissionais de imprensa exerçam esse poder de maneira ética e com responsabilidade social.

É preciso estimular a responsabilidade social da imprensa e alertar, conscientizar e sensibilizar jornalistas a respeito da gravidade desse problema. O/a jornalista deve estar consciente de que ficar indiferente e se omitir é ser cúmplice dessa violência.

Mas é necessário que os/as jornalistas estejam bem preparados/as para cobrir esse tema. Eles precisam ter clareza de que lidam com um tema delicado, que tem a ver com a emoção, os sentimentos e a vida das pessoas envolvidas. Por isso, ao procurar uma mulher ou um agressor para entrevistar, é preciso que o ou a jornalista compreenda que deve em primeiro lugar respeitar essas pessoas e seus limites ao reviver situações difíceis e dolorosas.

Elementos da notícia sobre violência contra as mulheres

Quando a pauta é a violência contra as mulheres, a imprensa tem em mãos um tema de grande impacto social e emocional e que envolve:

- **uma situação de desigualdade, pois se trata de uma agressão cometida contra uma mulher ou uma menina**, que é em geral um ser fisicamente mais fraco (e às vezes psicologicamente mais fragilizado) do que o agressor e que se encontra desprotegida;
- **uma denúncia sobre um crime** que não pode ficar impune e que deve ser levado à polícia e à Justiça e também ao conhecimento da sociedade;
- **personagens**: a própria mulher que é agredida ou a menina que é explorada sexualmente, o agressor, o intermediário ou o cliente e as testemunhas da violência, entre elas os familiares, os filhos, ou outras pessoas que presenciam o abuso;
- **números**, que podem dar a dimensão do problema e são fornecidos por instituições conceituadas, como a Organização Mundial da Saúde, o Ibope, a

Fundação Perseu Abramo etc., e que podem ser comentados por especialistas, como pesquisadores/as de universidades, médicos/as, psicólogos/as, assistentes sociais, ativistas etc.;

- **o interesse do público conjugado ao interesse público:** além de as mulheres serem mais da metade da população, é importante lembrar que elas são maioria do eleitorado e do público dos principais veículos de comunicação de massa. A pesquisa de opinião Ibope/Instituto Patrícia Galvão revelou também que o tema da violência contra as mulheres suscita grande interesse da sociedade. A violência de gênero é um problema que, por sua magnitude, deve ser considerado quase como uma epidemia, um problema de saúde pública e de segurança pública, portanto, um tema de interesse público.

Quando a violência contra as mulheres é notícia?

A partir de vários monitoramentos de notícias sobre violência contra a mulher, publicadas nos principais jornais e revistas de circulação nacional ao longo dos últimos dez anos, e de um levantamento realizado sobre o período de 2003 a 2005, posso dizer que a violência contra as mulheres é notícia quando acontecem:

- **casos reais** de violência, em especial se a agressão for cometida contra uma mulher famosa ou se o agressor for famoso;
- **iniciativas** do Executivo (delegacias da mulher, serviços de aborto previsto em lei), projetos de lei ou ações da sociedade civil (ações de prevenção e assistência);
- **lançamentos de dados impactantes de pesquisas** produzidas por instituições conceituadas.

As vozes mais ouvidas na cobertura

Dentre as fontes mais procuradas pela imprensa destacam-se delegados/as e agentes policiais, pesquisadores/as, profissionais de saúde, representantes do Executivo (da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Ministério da Saúde ou Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres) e do Legislativo e ativistas de ONGs.

Faltam estatísticas

Embora haja ainda poucas pesquisas que quantifiquem a violência contra as mulheres, quando se analisa a magnitude numérica desse problema, tanto no Brasil como no mundo, os números revelados são bastante impactantes. Dizer que a cada 15 segundos uma mulher é espancada por um homem e que uma em cada cinco brasileiras já foi agredida por seu companheiro ou ex já deveria ser suficiente para garantir uma manchete nos jornais.

Apesar de esses números terem sido levantados em 2001, pela Fundação Perseu Abramo, eles ainda são bastante divulgados. Trata-se da pesquisa mais recente de

âmbito nacional a perguntar diretamente às mulheres qual havia sido sua experiência pessoal com a violência dentro e fora de casa.

Em novembro de 2004 o Instituto Patrícia Galvão divulgou pesquisa encomendada ao Ibope Opinião sobre a percepção da sociedade brasileira sobre a violência contra as mulheres. A pesquisa revelou um alto grau de rejeição da sociedade em relação à violência contra as mulheres. Dentre os principais resultados da pesquisa incluem-se; a maioria dos/as entrevistados/as revelou que considera esse tipo de violência como algo muito grave, que preocupa a mulher brasileira e que se trata de um crime que deve ser punido, pois nada justifica que um homem agrida uma mulher.

Lançada no âmbito das atividades do 25 de Novembro, Dia Internacional pela Não-Violência Contra a Mulher, essa pesquisa foi amplamente divulgada pela imprensa, o que mostra que a mídia tem interesse por dados novos e confiáveis.

Lacunas e omissões (da imprensa e do movimento)

Há muitos temas e abordagens sobre a violência contra as mulheres que a imprensa não toca. São aspectos igualmente importantes e que merecem uma maior atenção por parte dos jornais e telejornais, e também de nós, do movimento de mulheres, que tem interesse em aumentar a visibilidade da questão da violência de gênero na mídia.

Vou dar alguns exemplos de tipos de abordagem e de aspectos relacionados à violência que têm sido ignorados:

- não se trata da violência contra a mulher como uma **questão de segurança pública**, como um direito da mulher que deveria ser garantido pelo Estado, mesmo no espaço privado (a Constituição Federal do Brasil, em seu parágrafo 8º, art. 226, diz: "O Estado assegurará a assistência à família, na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito das relações");
- as "**mortes anunciadas**" – são inúmeros os casos de mulheres que prestaram queixa, denunciando as ameaças e agressões, e mesmo assim acabaram assassinadas pelos maridos e companheiros ou ex. Investigar em profundidade as mortes dessas mulheres pode ser um caminho para que se identifiquem e divulguem as razões e omissões que levaram a essas "mortes preveníveis e evitáveis";
- as **mulheres "sobreviventes"**; quase não se fala sobre aquelas que conseguiram sair da situação de violência e como elas fizeram isso;
- a violência física prevalece sobre a **violência psicológica**, que raramente é tratada nas reportagens; há muito pouca divulgação de que a violência psicológica também constitui uma grave forma de agressão e abuso contra as mulheres, acarretando sérios danos à saúde mental das agredidas;
- o **direito ao aborto legal** nos casos de estupro; quais são os serviços que realmente prestam atendimento a vítimas de violência sexual?;

- nunca se fala sobre a violência contra as **empregadas domésticas** – em sua maioria negras – e contra as mulheres **idosas**, que muitas vezes é praticada por mulheres dentro de casa;
- quem são os agressores?
- a cultura da violência em nossa sociedade
- a impunidade e os JECRIMs
- punir e/ou reeducar?

O que a imprensa pode fazer

Basicamente pode-se afirmar que o papel da imprensa informativa no enfrentamento do problema da violência contra as mulheres é:

- **informar sobre a real magnitude da violência de gênero**, tanto no país como no mundo, divulgando números atualizados e obtidos junto a fontes confiáveis. É preciso que se informe que a violência contra as mulheres, em especial a violência doméstica, não distingue raça, classe social ou nível cultural, atingindo indistintamente mulheres de todos os tipos e de todos os lugares;
- **divulgar/avaliar os serviços disponíveis** mostrando o trabalho e entrevistando profissionais que atuam em delegacias da mulher e em organizações não-governamentais que dão assistência às mulheres e meninas, os serviços de referência nos hospitais, que prestam atendimento multidisciplinar às vítimas de violência sexual, e as casas-abrigo, que recebem as mulheres que não têm para onde fugir;
- **revelar o custo econômico e social da violência**, mostrando que há trabalhadoras que faltam ao trabalho e que a violência acaba gerando uma grande demanda nos serviços de saúde, de polícia e de justiça;
- **buscar causas, fatores e soluções;**
- **acompanhar debates no Legislativo;**
- **mostrar que o Estado brasileiro já assumiu o compromisso de combater a violência contra as mulheres ao assinar tratados e convenções, como a Convenção de Belém do Pará** (Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher), assinada pelo Brasil em 1994 e ratificada em 1995.

Do que a imprensa precisa para cumprir bem o seu papel

- **a imprensa precisa de informações**, de preferência dados novos de pesquisas e casos reais que mostrem a gravidade do problema da violência contra as mulheres e meninas;
- para isso, **a imprensa precisa de fontes disponíveis e acessíveis:** profissionais dos serviços, pesquisadores/as, ativistas, parlamentares e membros do Executivo, pessoas que tenham experiência com o problema,

que possam explicar os números, fazer análises e comentários com uma linguagem fácil e direta;

- **a imprensa precisa também de novos enfoques**, como os apontados anteriormente; é preciso também que pesquisadores/as façam recortes nas estatísticas disponíveis e mostrem aspectos diversificados e que produzam impacto. No caso da pesquisa da Fundação Perseu Abramo, pouca atenção foi dada ao fato de que, mesmo sofrendo violência contínua, a maioria das mulheres não pede ajuda, ou que a maioria dos casos de agressão podem ser influenciados e/ou potencializados por fatores como o ciúme ou o consumo de álcool;
- **a imprensa precisa também de personagens** para dar depoimentos e conferir um lado humano à notícia e fazer o público se identificar com o problema. No caso da violência contra a mulher, a personagem principal muitas vezes quer falar para ajudar outras mulheres que vivem a mesma situação; outras vezes, ela pode não querer falar a respeito e isso deve ser respeitado. Se ela permitir, pode-se conversar com familiares que testemunharam o caso e que podem fazer comentários sobre o que aconteceu.

O que os movimentos podem fazer

- monitorar a mídia para identificar brechas e lacunas;
- incidir na mídia para disputar espaço e influenciar debates.

Isso significa

- mobilizar capacidade de análise e produzir argumentos de qualidade;
- ser críticos e propositivos;
- construir pontes entre propostas e ações políticas;
- identificar oportunidades de comunicação;
- fortalecer parcerias e estratégias para realizar ações de impacto e produzir notícias.

* Este texto foi a base para a apresentação realizada no Seminário Nacional "Enfrentamento da Violência contra as Mulheres: um olhar crítico sobre desafios e perspectivas", Recife (PE), 23 a 25 de novembro de 2005, promovido pelo SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, em parceria com diversas organizações.

** Marisa Sanematsu é jornalista, com mestrado pela Universidade de São Paulo. Coordenou diversos projetos de monitoramento e análise da cobertura da imprensa sobre temas como saúde da mulher, AIDS, violência de gênero e racismo. É editora de conteúdo de sites na Internet e consultora de projetos de comunicação para organizações não-governamentais. Atualmente é editora do Portal sobre Violência Contra a Mulher (www.violenciamulher.org.br) do Instituto Patrícia Galvão. E-mail: msanematsu@uol.com.br.